

Fé na Festa* - 05/01/2019

Gostaríamos de mostrar como Byung-Chul Han valoriza a festa em prol do trabalho, em um caminho contrário ao que pesa hoje no senso comum **. Não é o aperfeiçoamento técnico, mas a celebração que nos trará uma vida que valha a pena ser vivida.

****Festa.**** Han constata que não vivemos em um tempo de festividade. Segundo ele, uma celebração festiva é desprovida de tempo, é onde _demoramos_. Citando Gadamer, ele compara a festa com o belo, pela temporalidade: o tempo da arte é a eternidade, o tempo não passa. E a relaciona com o divino: os deuses se alegram quando os homens brincam e jogam e lhes devotam rituais. Se hoje não há festa é porque estamos longe do divino. E mais, deveríamos copiar os deuses, pois eles não se importam em produzir. Mas o tempo do trabalho hoje roubou todo o tempo da festa e se tornou totalitário: “A própria pausa se conserva implícita no tempo de trabalho. Ela serve apenas para nos recuperar do trabalho, para poder continuar funcionando.” (p. 113). A vida perde intensidade pairando entre tédio e ocupação. As festas de hoje são eventos: eventuais, acontecem, apenas.

****Crise de Liberdade.**** Han então trata da autoexploração que se dá na sociedade de desempenho: não somos explorados pelo outro, nós somos senhor e escravo de nós mesmos nos aproximando do sentimento de liberdade. De posse do smartfone e dos laptops trabalhamos continuamente de qualquer lugar acreditando que o trabalho nos realizará. Porém, tal liberdade acaba se transformando em coação porque nos leva a nos explorarmos sem limites e é onde surgem as enfermidades como a depressão e a síndrome de Burnout, resultados dessa crise da liberdade. Mesmo que busquemos o sadio na histeria de saúde atual (fitness, botox, etc.), nada mais fazemos que sobreviver. Negando a morte em prol da vida nos tornamos zumbis e estamos “por demais mortos para viver, e por demais vivos para morrer.” (p. 119).

****Beleza.**** Han afirma que o homem que trabalha não é livre. Citando Aristóteles, ele nos diz que o homem livre está em busca das coisas belas, da realização de belos atos e da contemplação da beleza perene. Citando Arendt, ele refere o homem livre ao belo, que é o que não é útil. Mesmo os políticos deveriam se aproximar do belo, nesse sentido aristotélico de uma ação livre da necessidade e utilidade e buscando um _bios politikos_ que promova a justiça e a felicidade.

****Uso livre.**** Han aborda o “uso livre” de Agamben como uma “profanação” do

uso dos objetos, chegando ao ponto de ilustrar uma passagem em que crianças acharam dinheiro e na brincadeira, as notas foram rasgadas. A profanação do uso do dinheiro é a profanação do ídolo, transformando-o em brinquedo. Segundo Han: “há que se profanar o trabalho, a produção, o capital, o tempo de trabalho, transformando-os em tempo de jogos e festa.” (p. 123).

****Beleza e festa.**** A beleza também se aproxima da festa que é quando nos preparamos para ficarmos bonitos e belos. As próprias obras de arte retratam momentos felizes que seriam intermináveis, obras que poderiam ser fruídas nas ruas e celebrações culturais, porém hoje as obras estão trancafiadas em bancos e museus perdendo o valor de arte e culto para o valor comercial. As obras que retratam a intensidade da vida se perdem. As coisas só têm valor quando expostas, assim como nós que nos expomos nas redes sociais. Nossa produção nas redes é pela visibilidade e é quando nos tornamos mercadorias, porém na festa não produzimos, mas gastamos. Comercializamos os momentos de nossa vida e o valor do ser humano se transforma em valor de mercado.

Han conclui dizendo que o festivo e o divino ficaram obsoletos. Há essa produção desenfreada de mercadorias fazendo de nosso mundo um local de utilidades e povoado de coisas que não permitem o silêncio, o vazio e a contemplação. Já é hora de romper esses laços comerciais e voltarmos para a festa.

* * *

* Alusão ao álbum de Gil, sempre muito festeiro.

**** Fichamento de “Tempo de celebração \- a festa numa época sem celebração”.**
Em Han, Byung-Chul - _Sociedade do Cansaço_. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.